

Rio, 29 de 9bro de 1915

Meu caro Dr Penaforte

Estava com muitas saudades de suas sempre lembradas
letras, que para minha satisfação chegaram enfim.

Digo-lhe em resposta que no dia 15 recebi do Dr Amador
Bueno este telegrama : "Saudações. Reunião monarquista
concorridissima, completo successo, grande entusiasmo."

Calei-me, não sabendo como e porque, sem acordo, se d e u
tal passo. Seria urgencia de "ocasião precipite, que se
quer aproveitada ?

Cândido de Oliveira, Laet e Afonso Celso responderam a
perguntas dos jornais. Ouvido, depois deles, e muito insta-
do, eu disse, para evitar que o meu silencio fosse mal in-
terpretado, o que a "Noite" e a "Noticia" publicaram com
defeitos de frase e sentido.

Não creio no seguimento do caso em que o Bueno tanto se
acelera. Não faltam exemplos de arrufos, ameaças e brigas
que só atiram à uma proveitosa reconciliação.

Em 1863 eu voltava a Pernambuco, depois da dissolução da
Camara dos deputados, no mesmo vapor que levava para a
Europa o senador Visconde de Jequitinhonha. Diante dos
vagalhões dos Abrolhos o velho exclamou: "Bonito ! Mag-

nifico ! Mas eu estou antegozando o prazer de entrar em aguas mansas." E, marido divorciado com grande estardalhaço, acrescentou ternamente: " no matrimonio só achei bom e gostoso o achegamento d e p o i s de um démélé..."

Tem o mesmo gosto a gente republicana: semelhante à liga de liberais e conservadores em 1862, briga para fazer melhores pazes; está sempre a " votar e d e s v o t a r questões as mesmas", como dizia o padre Marinho de Minas.

Para o que se fez não ficar uma arrancada quixotesca, acho conveniente a nova reunião de que me fala, a que vão todos os homens de valor, e constituam uma direção acorde, de competencia incontestavel. Dela pode fazer parte o Bueno. Como sabe sou sempre conciliador, e para o que indico ha razões especiais.

O partido, assim reorganizado aí, unido e solidario, dará bom exemplo de vida e animação para a defesa d o s intersses nacionais; estenderá em todo o país a atividade ordeira e legal que é mister.

Comigo nensam Candido de Oliveira, Laet e outros com quem me entendo. O Conde de Afonso Celso saiu-se com a "Cota aos, sob o nº 1555, que junto à esta. Q u e me diz ?

Sempre e de coração

Seu amigo

J.Alfredo

Arquivo João Alfredo-Conquanto assinada, trata-se, evidentemente de um rascunho, o que se pode verificar pelas emendas e entrelinhas.

"O movimento monarquista em S. Paulo - Declarações d o
conselheiro João Alfredo - Rio - 21 "A Noite" em sua edição
de hoje, publica o seguinte:

"A reunião dos monarquistas em São Paulo, realizada jus-
tamente no dia em que se festejava o 26º aniversário da
proclamação da Republica, está continuando a merecer co-
mentarios do publico.

Justifica-se, portanto, de sobejo, a publicidade da im-
pressão colhida à tarde por um dos nossos representan-
tes, na visita feita ao conselheiro João Alfredo.

O antigo ministro do imperio, que se achava recolhido à
sua biblioteca, recebeu-nos com gentileza, fechando a "Re-
publica", de Cicero, do grande orador, cuja exposição de
ideias constituiram, tantos seculos mais tarde, a base
sobre que repousa essa maravilha que é a politica in-
glêsa. E sempre nessa ordem de ideias, com expressão fa-
cil e cheia de doutrina o venerando monarquista fala
da filosofia dos gregos, detendo-se de preferencia no no-
me de Aristoteles, o sabio imperador da obra de Cicero,
para concluir afirmando quanto a combinação aristoteli-
ca retrata a Inglaterra, onde-asseverou o conselheiro
João Alfredo - o rei, como o "saudoso D. Pedro", nada
mais tem sido do que o ministro da opinião publica, num
país em que a realza se harmoniza com a aristocracia

e com o povo.

Foi depois de discorrer longamente sobre a politica de d. Pedro II e fazer mil e uma observações sobre os politicos da monarchia no parlamento, que o conselheiro João Alfredo, cortando o fio dessas recordações, disse - nos o que pensava da reunião monarchista de S. Paulo, sendo curioso assinalar que as razões apresentadas pelo eminente politico do imperio são as mesmas de que outrora se valiam os republicanos ante o monarchista, na opposição com que atacavam o governo imperial.

"Tive comunicação por telegrama, informou-nos o illustre conselheiro, da primeira reunião, celebrada a 15 do corrente. Recebi tambem os jornais onde foram publicados os artigos alusivos ao movimento.

Aprovo o que foi feito - continuou o antigo ministro do imperio.

Se me ligo a essa tentativa é porque sou de parecer que, nunca, numa ocasião em que os proprios republicanos são os primeiros a considerar perigosissima a crise que atravessamos, a mais grave que o Brasil tem tido, os monarchistas cumprem um dever patriotico, procurando manifestar-se, visto que não podem compreender, numa ocasião de tanta responsabilidade, uma attitude de desinteresse pela salvação da patria.

É por isso que os monarquistas se reúnem, no desejo da descoberta de um modo pelo qual os seus esforços coletivos possam ser uteis à causa pública. Não agissem os monarquistas de tal sorte - continuou o conselheiro João Alfredo - e correriam o risco de não achar depois "salvar", na expressão eloquente que acabo de tirar aqui de Cícero, no ponto em que o grande orador apresenta a questão de se saber se devem os cidadãos contrários à política do momento, por mero respeito a ideias de partidarismo, recusar os seus serviços à pátria."

"O Estado de S. Paulo", 22-11-1915